

## Danças eletrônicas: do intervalo às aulas de Educação Física<sup>1</sup>

Reconhecer e respeitar a diversidade cultural nos espaços escolares é, sobretudo, assumir que vivemos em uma sociedade multicultural onde a construção das diferenças acontecem a todo momento. O multiculturalismo cumpre um papel desafiador perante aos preconceitos, promovendo o reconhecimento das diferenças nos espaços de intervenção. Onofre (2009) nos mostra que o multiculturalismo é uma perspectiva que se compromete com o papel transformador da escola, entende a inclusão da diversidade cultural nos currículos como decisão política essencial para o bem-estar dos cidadãos e afirma que não há, provavelmente, nenhum país no mundo que possa ser considerado homogêneo na sua constituição humana e cultural, ou seja, os agrupamentos sociais são intrinsecamente multiculturais.

Canen e Moreira (2001) definem multiculturalismo como um termo polissêmico, que pode abarcar desde posturas de reconhecimento da diversidade cultural sob lentes de exotismo e folclore, passando por visões de construção das diferenças, estas últimas conhecidas como perspectivas interculturais.

Ainda sobre o conceito de multiculturalismo, Canen (2007) enriquece essa discussão quando diz que além da diversidade cultural os processos discursivos pelos quais as identidades são formadas também são característicos de uma sociedade multicultural.

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido pela Profa. Camila Silva de Aguiar na EMEFM Derville Algreffi e comentado pela Profa. Carin Sanches de Moraes.

Em se tratando do espaço escolar, Moreira (2001) nos chama atenção com relação a projetos educativos, salientando que os mesmos devem ter como objetivo tornar mais visíveis e audíveis os rostos e as vozes de que têm sido marginalizados na escola e na sociedade, ou seja, deve-se dar visibilidade às vozes excluídas, evitando apropriar-se de currículos que sustentam práticas e discursos homogeneizadores e etnocêntricos.

Os autores acima citados ajudam-nos a reconhecer o quanto essa discussão vem ganhando força nos espaços acadêmicos, garantindo as representações das identidades culturais nos diversos campos sociais. O currículo, por sua vez, vem passando por um processo de tensionamento onde novas configurações podem ser vistas, no sentido de valorizar as identidades culturais negadas nas estruturas curriculares monoculturais.

Hoje, em algumas das escolas municipais da cidade de São Paulo, é possível observarmos, através de relatos de experiências nas mais variadas disciplinas escolares, a preocupação em desconstruir alguns discursos que ao longo dos anos foram responsáveis pela formação de certos tipos de sujeitos.

Como exemplo, segue abaixo um relato da experiência na disciplina de Educação Física desenvolvido pela Professora Camila Aguiar. Trata-se de uma prática que caminhou na perspectiva do multiculturalismo com o objetivo de promover o reconhecimento das diferenças.

## **Desenvolvimento**

Esta experiência pedagógica foi realizada com uma turma do 8<sup>a</sup> ano do ciclo II de uma Escola Municipal situada na Zona

Norte da cidade de São Paulo, EMEFM Derville Allegretti, durante o segundo semestre de 2009, com aproximadamente três meses de duração.

Durante o ano, assumi duas classes na escola. Ao chegar à instituição de ensino e preparar as aulas, alocadas nos últimos horários do turno, pude apreciar as práticas dos alunos em momentos fora da sala de aula, como o intervalo do lanche e alguns momentos durante troca de aulas. Comecei a observar nestes momentos que alguns grupos escutavam uma música no celular e dançavam. Identifiquei, indagando através de conversas, que se tratava de música eletrônica, o *psy*. Conversei com a turma e verifiquei que a dança não foi uma manifestação corporal inserida no currículo da disciplina nos anos anteriores, o trabalho desenvolvido até o momento priorizava o esporte. A dança só estava presente nos momentos comemorativos da escola.

Então, optei por começar um mapeamento dos saberes sobre o *psy*, ou seja, investigar quais os conhecimentos os alunos possuíam sobre o assunto. Iniciei esse processo com apreciação de um vídeo com cenas retiradas do *YouTube*, de pessoas dançando o *psy* e alguns outros estilos, os quais sabia que alguns alunos praticavam como samba de gafieira, forró, balé, tango, *break* e *funk*. A atividade que se seguiu à assistência ao vídeo implicava em respostas individuais às seguintes questões:

- Que estilos de dança você reconhece no vídeo?
- Quem as pratica? E quais os locais de prática?
- Cite outros estilos de dança que não apareceram no vídeo e que vocês praticam ou conhecem?
- As danças apresentadas possuem semelhanças? E diferen-

ças? Quais vocês identificam?

A partir das respostas de alguns alunos sobre outros estilos que não foram contemplados no vídeo como: “não apareceu o *psy* e sim o *rebolation*”, “*jumpstyle*”; constatei que dentro da música eletrônica, além do *psy*, há vários estilos de dança também vivenciados pelos alunos, os quais eu não conhecia como *rebolation*<sup>2</sup>, *shuffle*<sup>3</sup>, *jumpstyle*<sup>4</sup>. Passei a buscar mais informações sobre eles.

Após conversa sobre o que apontaram no questionário, os alunos passaram a vivenciar as danças eletrônicas citadas anteriormente, resignificando-as no contexto escolar. Para essa experimentação, contei principalmente com a ajuda dos próprios alunos que tinham uma maior vivência e que prontamente se dispuseram a auxiliar.

2 *Rebolation* é uma dança eletrônica. Sua origem e influencia são incertas, mas o que se sabe é que esse novo estilo foi criado aqui no Brasil há alguns anos. É associado ao estilo *Psytrance* (ou *Psy*) de música eletrônica e foi possivelmente inspirado no *Melbourne Shuffle* que sofreu alterações e por protesto dos australianos, que temiam por sua reputação, foi batizado nas pistas brasileiras de *Rebolation*.

3 De acordo com o sítio [http://pt.wikipedia.org/wiki/Melbourne\\_Shuffle](http://pt.wikipedia.org/wiki/Melbourne_Shuffle) o *Melbourne Shuffle* dança australiana surgida na cidade de Melbourne surgiu por volta da década de 1980. Os movimentos básicos nesta dança são *The Running Man* e o *T-Shuffle*. À dança também incorpora giros, deslizadas rápidas. Nesta dança não são obrigatórios os movimentos com os braços, já que na verdade não existem passos feitos especificamente com os braços, portanto o dançarino é quem escolhe se vai mexê-los, quando e como. A maioria dos dançarinos realiza movimentos aleatórios. O *Melbourne Shuffle* é quase que exclusivamente dançado com música eletrônica, nos estilos que variam de 140 a 160 bpm dentre os quais o mais famoso é o *Hardstyle*.

4 Conforme o sítio <http://nacara.com.br/jumpstyle/> *Jumpstyle*, como o nome já diz, é um estilo de dança que ganhou força na Europa impulsionado por um gênero musical frenético. O *Jumpstyle* também é conhecido como *Jumping* que significa “pular” ou “pulando”. O *Jumpstyle* surgiu em 1997 na Bélgica. A performance com mais de uma pessoa é a mais popular. As pernas são as partes do corpo mais importante no *Jumpstyle*, que consiste em uma série de movimento de chutes e pulos, com as pernas indo para frente e para trás no ritmo da música.

No entanto, percebi que alguns queriam dançar, mas tinham vergonha de se expor. A maioria de nossas aulas práticas ocorreu no auditório da escola e, como forma de incluí-los, diminuí as luzes do fundo do auditório e propus que tentassem praticar as danças naquele espaço. O auditório também possuía um telão utilizado para apresentações em data show, o qual foi utilizado para expor vídeos, extraídos do *YouTube*, que mostravam passo a passo as danças que praticávamos deixando os alunos mais à vontade, e possibilitando maior participação.

No início do trabalho, houve algumas dificuldades em relação ao espaço para as vivências das danças. A procura dos professores pelo auditório era grande, então tive que esperar algumas semanas para conseguir agendar o espaço. Enquanto isso, trabalhávamos na sala de vídeo. Para dificultar ainda mais, sem aviso prévio, a sala passou por um processo de reforma, o que nos levou a buscar outros espaços, gerando dificuldades, pois a extensão de fio para ligar o som não chegava à quadra e as salas de aula eram ambientes, ou seja, os alunos se locomoviam de uma sala para outra na troca de aula e não os professores, sendo assim, não havia um local destinado à Educação Física. Tínhamos que aguardar as informações acerca dos professores que faltavam ou saíam mais cedo para ser disponibilizada uma sala.

É interessante destacar que alguns alunos ficaram impressionados com a possibilidade de estudar o *psy* e as danças eletrônicas, pois diziam que vivenciavam essas manifestações apenas durante os intervalos das aulas e fora do ambiente escolar. Seus depoimentos denunciavam: “Por que não podemos dançar do jeito que queremos na escola?” e “Só pode música de festa junina”.

Ou seja, eram-lhes disponibilizadas tão somente coreografias previamente planejadas para determinados eventos escolares.

Contudo, não posso deixar de mencionar que houve também grande resistência, principalmente no início do trabalho, de uma parcela da turma que queria a todo custo a prática esportiva, mas, ao longo do projeto, alguns foram se envolvendo e participando das aulas através dos trabalhos e da organização das apresentações. Apesar disso, dois alunos, mesmo após conversas sobre o trabalho e formas de participação, não quiseram participar.

Após algumas vivências das danças eletrônicas, ao questionar as diferenças entre *psy*, *rebolation* e *jumpstyle*, percebi que as explicações eram inconsistentes. Os alunos diferenciavam os movimentos básicos, mas a maioria não soube explicar se o *psy* era semelhante ao *rebolation*, tampouco conseguiam expor maiores informações sobre os grupos que praticavam cada estilo. Para ampliar o estudo da manifestação corporal, apresentei uma gravação do programa “Pé na Rua”<sup>5</sup> que explicava algumas diferenças entre esses estilos. Os estudantes descobriram mais um tipo de dança, o *tecktonic*<sup>6</sup>. Assim, solicitei que fizessem uma

5 Pé na Rua é um programa televisivo, voltado para o público jovem, transmitido na TV Cultura. No dia 26/06/09 realizou a reportagem “O jeito de cada um dançar música eletrônica”.

6 Conforme alguns sítios <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecktonik>, <http://teckmovers.skyrock.com/1405839361-O-que-e-Tecktonik.html>, Tecktonic é uma marca registrada. A marca Tecktonik nasceu na França com o objectivo de patrocinar dança eletrônica e explorá-la financeiramente. O vestuário dos dançarinos de Tecktonik é normalmente roupa justa, desde casacos, camisolas e calças com penteados futurísticos. É um movimento que mistura moda e dança. Consiste numa nova expressão corporal na qual estão inseridos três vertentes fundamentais, ou seja, as danças, que são o electro dance, o hardstyle e o jumpstyle. Os passos consistem em mover os braços de maneira solta em volta da cabeça, como se estivesse passando gel no cabelo várias vezes. O nome Tecktonik tem a ver com as placas geológicas do planeta que, traduzindo para este movimento, é o encontro e o choque criativo entre culturas musicais diferentes, e que é aberto a todas as pessoas do mundo. A filosofia

pesquisa e busquei outros vídeos sobre o *tecktonic*.

Durante o processo pedagógico discutimos as informações coletadas sobre os diferentes tipos de dança eletrônica, conversamos sobre os estilos de roupa dos praticantes, as batidas das músicas e a presença da tecnologia. A turma concluiu que o *psy* é um estilo de música em que as pessoas se deixam envolver e dançam à sua maneira, não há passos certos, coreografados. Contudo, acabam dançando com mais frequência o estilo *rebolation* na música *psy*, o que muitas vezes leva a chamar o conjunto desse estilo de música e dança de *psy*. Perceberam, também, que o *psy* tem sua origem nas *raves*, festas realizadas em céu aberto como em chácaras, sítios, em espaços distantes dos grandes centros urbanos, durando, muitas vezes, várias horas e até dias. Todavia, os alunos escutavam e dançavam nos finais de semana nas casas noturnas das proximidades ou durante os horários de matinês.

Depois de algumas discussões e estudo sobre o tema, a turma concluiu que não existe uma roupa certa para dançar a música eletrônica, mas o grupo que se identifica com o *psy trance* geralmente usa roupas coloridas, fluorescentes, informais e confortáveis, características da influência hippie e indiana; os praticantes do *tecktonic* utilizam roupas mais justas e penteados futurísticos, já os do *Melbourne shuffle* geralmente vestem *Phat Pants*, calças largas que dão a impressão de maior deslize nos movimentos. Contudo, nos locais de acesso da maioria dos alunos, usava-se

---

deste movimento foi definida como sendo contra todo o tipo de droga, ou seja, dançar *electro* e dar tudo por si, pela energia própria do corpo sem qualquer efeito de drogas, pois o objetivo do movimento é a dança, a diversão e o convívio pessoal.

geralmente calça jeans, blusinha, camiseta e muitas vezes era possível observar uma mistura dos estilos. Sobre a tecnologia, um aluno comentou que, em algumas *raves*, existe decoração em 3D e os participantes compram uns óculos específicos que possibilitam enxergar esse tipo de decoração.

Destaco que, para o projeto em andamento, selecionei a seguinte expectativa de aprendizagem<sup>7</sup>: identificar a dança como opção de lazer, reconhecendo a opção pessoal como fruto da identidade cultural, mediante as sensações advindas das práticas e outras situações didáticas.

Em uma das aulas, uma aluna levou um vídeo “Red Bull”<sup>8</sup>, mostrando batalhas de *break*<sup>9</sup> para assistirmos, pois identificou e queria mostrar, alguns movimentos que poderiam ser usados na música eletrônica. Todos assistiram ao vídeo no auditório e percebi que os alunos identificaram e fizeram relação com alguns movimentos da dança eletrônica, ficaram impressionados com as manobras e alguns queriam assistir mais, mostrando interesse em estudar o *break*, sugestão que foi anotada para um próximo trabalho.

Na continuidade das atividades, leram um texto sobre o estilo *psy*, que explicava como as primeiras *raves* aconteciam,

7 Expectativa de aprendizagem é o que se espera ou deseja que seja desenvolvido no aluno. São selecionadas pelo professor de acordo com o projeto pedagógico da escola, objetivos da área e necessidades da comunidade escolar. Orienta o trabalho pedagógico para uma aprendizagem significativa, na seleção dos conteúdos, tendo como critério sua relevância social, cultural, intelectual para a construção de habilidades comuns, potencialidade para contextualizações, acessibilidade e adequação ao interesses dos alunos.

8 A marca de bebidas energéticas Red Bull promove vários eventos e um deles são as batalhas de *break*.

9 Batalhas de *break* são rodas que os praticantes do *break* se desafiam com passos criativos.

como as músicas eram tocadas, quais eram os propósitos iniciais. Foi o mote para discutir as transformações nos equipamentos, que passaram do vinil a aparelhos de som e luzes digitais com diversos efeitos especiais. Em relação aos propósitos iniciais das *raves*, segundo o texto lido, os alunos puderam verificar que se tratava de uma forma de resistência e busca de paz, ligada a um estilo alternativo, diferentemente de algumas festas atuais divulgadas pela mídia e frequentadas geralmente pela classe média. Na turma do 8º ano, entramos em uma breve discussão de como algumas festas de música eletrônica viraram um mercado lucrativo, haja vista a criação da marca registrada do *Tecktonic* e a participação de artistas remunerados.

Como parte da avaliação continuada, os estudantes responderam um questionário com o intuito de expor o que entenderam sobre o *psy* e como o compreendiam na atualidade.

- De acordo com o texto, onde e como surgiu o *psy trance*?
- Quais eram os ideais iniciais do *psy trance*?
- Qual é a opinião do autor sobre o *psy* na atualidade?

E qual a sua opinião?

Notei que a maioria dos estudantes identificou as mudanças dos propósitos iniciais do *psy* em relação aos dias atuais, como também as diferenças entre os estilos de dança eletrônica.

Com a proximidade do fim do ano letivo e apresentação de encerramento das atividades escolares, propus aos alunos, fundamentada pelas expectativas de aprendizagem das Orientações Curriculares da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que elaborassem coletivamente e democraticamente uma apresentação para a escola. Os alunos rejeitaram minha proposta,

alegando vergonha. Então, propus que criássemos um clipe, e que após filmagem, editássemos para postar na internet e passar nas apresentações de fim de ano.

Todos de acordo, os deixei livres para trazer elementos de outros estilos, já que fizeram relações com elementos de danças diversas como o *break* e alguns passos de Michael Jackson que, à época, ganhou destaque na mídia devido à sua morte o que resultou na estreia de um filme e na divulgação do passo *Moon Walk* movimento relacionado ao *Melbourne Shuffle*.

Identificando a necessidade de separar funções para construir o clipe de forma mais organizada, dividimos a turma nos seguintes grupos: decoração, iluminação, som, dançarinos e coreógrafos. Naquele momento, foram convidados alunos de outra sala que tinham grande vivência com a música e dança eletrônica para participar e incluíram o *swing poi*<sup>10</sup> na apresentação. Como nenhum dos alunos tinha o *swing poi* com fitas geralmente utilizados nas *raves*, adaptaram uma bolinha de borracha envolvendo-a com papel e fita crepe amarrada em um barbante.

No dia seguinte, quando cheguei à escola, tive que buscar o *swing poi* na direção, pois após o término de sua construção os alunos passaram para outros estudantes e, ao manuseá-los no corredor, os inspetores se apoderaram deles. Isso demonstra uma situação de conflito entre a prática estudantil e as normas da escola que já estava prestes a entregar advertência aos alunos sem um diálogo sobre a possibilidade de experimen-

10 De acordo com [http://pt.wikipedia.org/wiki/Swing\\_poi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Swing_poi) o *Swing poi* é um instrumento de malabarismo. Consta de uma corda, com uma bola no fim, terminado em fitas coloridas. O *Swing Poi* é ultimamente usado em festas *raves* para dançar ao ritmo do *Psy Trance*.

tação ou não em determinado espaço.

O intuito inicial de fazer o clipe não deu certo. Tive vários problemas com a filmagem, em relação à memória, foco, edição e tempo, pois o final do período letivo se aproximava e a escola estava envolvida com outras atividades, as apresentações de encerramento, em que o espaço do auditório foi dividido para jogos e para os outros professores ensaiarem. A maioria das alunas que iria apresentar participava do time de Handebol da escola, o que as levou a faltarem nas atividades com as danças. Por inexperiência e falta de diálogo, não me programei, o que dificultou as regravações, ficando apenas a apresentação geral para os próprios alunos da sala e algumas turmas da oitava série.

Para finalizar, avalio que, com esse trabalho, busquei valorizar a prática corporal dos alunos, identificando, ampliando através de atividades, discussões e vivências as danças eletrônicas, no intuito de criar condições para os estudantes participarem de forma crítica da sociedade. Essa experiência foi nova e enriquecedora, levou-me a reflexões e oportunidades de ir aprendendo a lidar com as incertezas pedagógicas, desconstruindo visões e modos de atuar como também construindo e almejando aproximar-me de práticas compromissadas com um papel educacional democrático e transformador.

## Considerações

O relato da prática apresentado pela Professora Camila Aguiar nos mostra a valorização do repertório cultural dos alu-

nos com relação ao tema proposto a partir do mapeamento realizado. Chama-nos a atenção o constante diálogo durante todo o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a própria educadora declara que se propõe a trabalhar um tema que ela mesma não conhece mas que, entre outras fontes, busca informações com os próprios alunos.

Desta forma, as vozes foram ouvidas e os corpos foram respeitados nos mais variados momentos do trabalho, ora se aquietando, ora se movimentando.

Sendo assim, é possível por meio deste relato, compreender que o multiculturalismo está permeando de fato os mais variados espaços sociais, não por imposição, mas sim por uma única questão, a de reconhecer e valorizar as diferenças.

## Referências Bibliográficas

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação e política**, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Ênfases e omissões no currículo**. Campinas: Papirus, 2001.

LOPES, A. R. C. Pluralismo Cultural em Políticas de Currículo Nacional. In: MOREIRA, A. F. B. **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999.

MOREIRA, A. F. B. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65-81, set.-dez. 2001.

ONOFRE, P. C. Multiculturalismo crítico por uma pedagogia de Tolerância. **Soletras**, São Gonçalo, ano IX, n. 17, p. 121-127, 2009.